

GRAHAM ATTWELL

graham10@mac.com

PONTYDYSGU, PAÍS DE GALES

AMBIENTES DE APRENDIZAGEM PESSOAL

Em fevereiro de 2019, Michael Feldstein escreveu: “O *hype cycle*¹ da tecnologia educacional parece – pelo menos parcial e temporariamente – ter-se ‘queimado’” (s. p.). Ambientes de Aprendizagem Pessoal (AAP, no inglês PLE) podem ser encarados como uma fase do *hype cycle*. Surgiram com pompa e circunstância em 2007 e afundaram-se em 2012, com a chegada dos Cursos *Online* Abertos e Massivos (MOOC). Contudo, como é comum no *hype cycle*, os AAP não desapareceram e estão a mostrar sinais de restabelecimento.

Os AAP foram definidos por Attwell (2007) como uma ideia que integra primariamente “pressões e movimentos”, entre os quais estão a aprendizagem ao longo da vida, a aprendizagem informal, estilos de aprendizagem, novas abordagens à avaliação e ferramentas cognitivas. Para além disso, os AAP foram inspirados no sucesso das novas tecnologias “aderentes” na omnipresente computação e *software* social.

O autor afirmou que o argumento mais convincente em favor do AAP é o desenvolvimento de tecnologia educacional que possa dar resposta à forma como as pessoas estão a usar a tecnologia para aprender e que lhes permita moldar os seus próprios espaços de aprendizagem, formar e juntar comunidades e criar, consumir, reorganizar e partilhar material (Attwell, 2007).

Todavia, a ideia dos AAP foi frequentemente contrastada com o Ambiente de Aprendizagem Virtual (AAV), que consiste em aplicações desenhadas para que as instituições consigam gerir os processos educacionais. Havia alguma justificação para isso, considerando o facto de os AAV tenderem a ver o aluno como um “contentor” vazio, à espera de ser alimentado por sistemas de gestão educacional. Ainda assim, o posicionamento contrário ao AAV constituía uma falsa oposição, pois

¹ O *hype cycle* é uma apresentação gráfica de marcas, desenvolvida e usada pela empresa americana de pesquisa, consultoria e tecnologia da informação Gartner, para representar a maturidade, adoção e aplicação social de tecnologias específicas.

ignorava que uma das perspectivas era essencialmente uma abordagem pedagógica à utilização de tecnologia para a aprendizagem, enquanto a outra era um sistema de gestão educacional no contexto da constante corporalização do ensino superior (Casteneda & Selwyn, 2018).

A ideia do AAP reconhecia que a aprendizagem estava a mover-se para fora da instituição. A tecnologia podia ser utilizada para aprender em diferentes contextos – em casa, na comunidade e no local de trabalho. O uso de dispositivos móveis estava a quebrar as tradicionais barreiras colocadas à aprendizagem. Estima-se que a aprendizagem informal e a educação não-formal constituam entre 70% e 90% da aprendizagem ao longo da vida. A utilização de TIC está a estender o alcance da aprendizagem informal. Os processos de aprendizagem podem ser mais explicitamente “desenhados” e “moldados” por uma melhor compreensão da aprendizagem informal – que liga ações à utilização de TIC – e dos seus resultados (Foster, 2011, p. 2).

Muito daquilo que as pessoas aprendem é através de educação não-formal, definida pela UNESCO (1997), da seguinte forma: “atividades educacionais organizadas e sustentadas que não correspondem exatamente à definição de educação formal [e] podem ter diferentes durações, podendo ou não conferir certificação” (p. 47). Ao mesmo tempo, o monopólio da acreditação por instituições tradicionais e organismos de acreditação está a travar o crescimento de micro credenciais fornecidas por iniciativa, como os crachás da Mozilla.

Os AAP também estão associados ao uso de redes sociais e aplicações de comunicação para desenvolver redes de aprendizagem pessoal. Tais redes podem simultaneamente encorajar a troca de ideias e conhecimento, e funcionar como redes de suporte para quem aprende. Pachler, Bachmair e Cook (2011) escreveram sobre como os “aprendizes” aproveitam aplicações de consumo para a aprendizagem pessoal informal e não-formal.

Tem havido alguma confusão relativamente às diferenças entre AAP e aprendizagem personalizada. A aprendizagem personalizada refere-se ao desenvolvimento de sistemas de recomendação e ao uso crescente de inteligência artificial na educação para fornecer diferentes caminhos e materiais de aprendizagem para alunos individuais, no interior de um *curriculum*. No entanto, essas tecnologias têm potencial para ajudar quem aprende no desenvolvimento do seu AAP.

Com o *hype* em torno da tecnologia educacional a perder importância, talvez exista mais espaço para prestar atenção ao modo como a tecnologia pode efetivamente apoiar os processos de aprendizagem. Não há uma resposta única. Os “aprendizes” já utilizam uma variedade de abordagens e contextos para aprender, fora da instituição e, muitas vezes, recorrendo a tecnologias que não foram pensadas para a educação. Apoiar quem aprende no desenvolvimento do seu AAP pode aumentar a sua autonomia e agência, contribuindo para uma aprendizagem mais efetiva. Ao mesmo tempo, suportar os AAP pode ajudar a melhorar a nossa compreensão sobre os processos de aprendizagem e contribuir igualmente para a transformação dos papéis dos professores, dentro de uma visão mais ampla de educação na sociedade.

Tradução: Raquel Lourenço (NOVA FCSH / ICNOVA, Portugal)

REFERÊNCIAS

- Attwell, G. (2007). Personal Learning Environments - the future of eLearning?. *eLearning Papers*, 2(1), 1-8.
- Castaneda, L. & Selwyn, N. (2018). More than tools? Making sense of the ongoing digitizations of higher education. *International Journal of Educational Technology in Higher Education*, 15(22). <https://doi.org/10.1186/s41239-018-0109-y>
- Feldstein, M. (2019, 24 de fevereiro). Is Ed Tech Hype in remission. Retirado de <https://mfeldstein.com/is-ed-tech-hype-in-remission>
- Foster, C. (2011). *ICTs and informal learning in developing countries*, *Development Informatics Working Paper Series, Paper No. 46*. Manchester: Centre for Development Informatics, University of Manchester.
- Pachler, N. Bachmair, B. & Cook, J. (2011). *Mobile Learning: Structures, Agency, Practices*. Nova Iorque: Springer. [ebook] Retirado de <https://epdf.tips/mobile-learning-structures-agency-practices.html>
- UNESCO (1997). *International Standard Classification of Education ISCED 1997*. Paris: UNESCO.

Citação:

Attwell, G. (2019). Ambientes de aprendizagem pessoal. In M. J. Brites, I. Amaral & M. T. Silva (Eds.), *Literacias cívicas e críticas: refletir e praticar* (pp. 91-93). Braga: CECS.